

Povos Indígenas no Brasil

Fonte O GLOBO Class.: 406

Data 19/08/80 Pg.: _____

Ministro: Certidão falsa pode ter causado ataque

LONDRINA (O GLOBO) — O ministro do Interior, Mário Andreazza, admitiu ontem que o conflito ocorrido ao norte do Rio Xingu — onde índios txucarra-mae mataram 11 peões — pode ter tido sua causa na expedição, pela Funai, de certidões negativas assegurando não ser aquela região área indígena. As certidões foram expedidas durante a gestão do general Bandeira de Mello, mas o ministro ressalva que podem ser resultado de “um erro involuntário”.

— O Ministério do Interior, a Funai e a Polícia Federal estão averiguando se as certidões são falsas, como se propalou. No entanto, ao que tudo indica, elas foram realmente expedidas pela Funai — disse Andreazza.

O ministro esclareceu que por se tratar de área indígena “as certidões não têm efeito legal, porque, na realidade, as terras sempre foram ocupadas e habitadas pelos silvícolas”.

Andreazza criticou, no entanto, “a precipitação daqueles que afirmaram que a Funai, ao emitir as certidões, violou os direitos dos índios para atender interesses dos fazendeiros que invadiram a área”.

— Quem conhece o tamanho daquela região — ressaltou Andreazza — admite, tranquilamente, que pode ter havido erro involuntário de avaliação e demarcação da área. Portanto, quem emitiu a certidão agiu de boa fé. O problema será resolvido de modo a harmonizar os interesses dos fazendeiros que ali se encontram com os direitos dos índios.

POSTOS DE VIGILÂNCIA

O primeiro posto permanente de vigilância da Funai será construído no Parque Nacional do Xingu e terá a proteção da PM de Mato Grosso — informou ontem, em Brasília, o assessor de Imprensa do órgão, Luís Amaral.

Ele adiantou ainda que o posto deverá ser localizado nas proximidades do atracadouro das balsas, área considerada de maior tensão, com equipes dos dois lados do Rio Xingu trabalhando na conscientização de índios e fazendeiros para evitar conflitos.

Caingangue e guarani decidem invadir terra em litígio

CURITIBA (O GLOBO) — Os índios caingangue e guarani, da Reserva de Mangueirinha, no Centro-Sul do Paraná, decidiram — em assembléia realizada na noite de domingo — prosseguir na invasão gradual e pacífica de uma área de 8.957 hectares, inicialmente pertencente à reserva, mas que está sendo disputada pela Madeireira Slaviero. A invasão começou há dez dias, por seis caingangues, e foi reforçada ontem, quando mais 60 índios entraram na área em litígio e começaram a roçar para fazer plantações.

— O argumento principal dos índios é que não há mais terras agrícolas suficientes para todos plantarem. Como estamos na época de preparo de solo, para o plantio do feijão e do milho, eles decidiram fazer as lavouras nas terras que consideram suas — explicou a antropóloga Mari Zanoni, presidenta da Associação Nacional de Apoio ao Índio (Anai) no Paraná, e que esteve em Mangueirinha

no fim de semana. — Além disso — completa Mari — os índios estão cansados de esperar a decisão da Justiça, onde a questão pela posse da terra se arrasta há mais de oito anos.

Na assembléia de domingo, os moradores da Reserva de Mangueirinha decidiram também que defenderão as terras que conseguirem ocupar na área em litígio, prometendo que de lá só saem mortos. Nos dez dias em que roçaram, os seis índios conseguiram ocupar um alqueire e meio. Todos eles estavam armados de arcos, flechas, lanças bordunas e espingardas rudimentares.

Até o momento, segundo informações da antropóloga, a Madeireira Slaviero não esboçou qualquer reação. Os índios criaram um fato político, com essa invasão e, dependendo do apoio da sociedade como um todo, poderão até conseguir um julgamento favorável — disse Mari Zanoni.